

cheios do peitilho estava tudo estripado e esbrugado.

Consequencia : um odio entranhado aos ratos. Os cantos da casa povoaram-se de ratoeiras. Era um nunca acabar.

Pois, senhores, roêrem a mais linda, a mais garbosa, a mais rica, a mais nobre farda da provincia ?! Ah si o coronel podesse estrear toda a ratagem unanime das nações, na ponta de seu gladio!

Em um amanhecer de abril, soffrivelmente bello, a criada, deixando para mais tarde a visita ás ratoeiras, aconteceu que ajuntaram-se á pequena Maria, o pequeno Manoel, e o caçula, e foram despescar, por sua conta e risco, as da dispensa.

O cabeça de motim, que todos sabem ser a Sra. D. Maria, como lhe chama a mãe ganudo se enfesa, não teve mais o que fazer, e, cercada pelos dous bargados con-sócios, assentou-se no chão, depondo a ratoeira sobre o panno do vestido que se fazia entre as duas perninhas abertas.

A ratoeira não era mais de que uma cúpula de arame cosida a uma rodellinha de pinho. Dentro, porem, havia era um bicho cinzento e uma porção de bichinhos vermelhos, da côr dos dedinhos do caçula : phenomeno raro, que provocou uma gritaria hilariante, aliás inconveniente, porque atraz acudiram a criada, a mamãe e até o coronel, a vêr o que fazia aquella troça de quenquéns.

Maria estava mettendo a mão para abocanhar a bicharada — em tempo de ser mordida !—e o Manoel procurava tambem si havia outro buraco onde elle podêsse metter a d'elle.

—Virgem Maria !—vozeava a creada.

—Isto é o diabo !—roncava o coronel.

Recuaram todas as mãos, e a curiosidade das creancinhas foi achar nos olhos d'ellas o desejado e inviolavel refugio.

A mamãe, porem, encarando o caso, juntou as mãos enternecidamente, e cobrindo o marido e os tres filhinhos com um d'aquelles olhares que só em mulheres se depara, exclamou cheia de profundo sentimento materno :

—Espera, que é uma ratinha que deu a luz na ratoeira !

O duro militar ficou basbaque. Emquanto a rata puérpera, impunemente, paccatamente, com o salvo conducto de sua boa estrella de mãe, sahia, como um anão

no meio de enormes gigantes de conto de fada, e galgava novamente as prateleiras prenhes de queijo. A ninhada se amontoava no regaço da pequena Maria,—uma porção de bichinhos vermelhos, da côr das carnes tenras do caçula, cujo corposinho nũ estava ali acocorado, a alma de creança aberta 'nuns olhos admirativos, exclamando com jubilosa admiração:

—Uói !—apontando para os ratinhos com o dedinho vermelho.

OLIVEIRA PAIVA.

O REGRESSO

(CANÇÃO)

Eia, vamos, meu castanho.
Galopa a bom galopar !
Té que, enfim ! Enfim chegamos
A' minha terra, ao meu lar !
Oh, que enlevos de ventura...
Que mimos, que formosura !...
Vejo, por entre a verdura,
Minha casinha a alvejar ! . . .
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus !

Que longo tempo o d'ausencia...
Quanta cousa se mudou !
Aqui deixei verde matta...
Quem derrubou-a e queimou ?
Que milho o d'este roçado...
Quasi todo apendoado !
De quem será este gado ?
Oh, que prazer ! Onde estou ?
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus !

Não havia esta casinha...
De quem será ? Quem n'a fez ?
Esta marca eu bem conheço...
E' lá de casa o pedrez !
E já vi este magano...
E' de certo o Marianno !
Aquella é o Xico Serrano...
Aquella parece a Ignez !
Graças, graças ao bom Deus...
Eis-me sorrindo entre os meus !

Quanta gente no riacho...
No riachinho tão meu !
—Adeus, commadre.—Ai, por isso
« Lindo o dia amanheceu !

« Meu compadre, que tardança !
 « Já ninguém tinha esperança
 « De vel-o mais... Que mudança...
 « Porque tanto emmagreceu ? !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Magro estou, commadre Ignacia ?...
 —Ora, gentes, quem não vê ? ...
 —Saudades... foram saudades...
 —Isto me diz vosmecê !
 —Como está meu afilhado ?
 —Bem gordinho, Deus louvado !
 « Hontem dei no malcreado...
 —Ai, commadre... não lhe dê !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Maria, adeus ! Oh, bonita,
 Já não me conhece mais ?
 —Não falle assim... eu casei-me...
 « Não vê aquelle rapaz ?...
 —Casou-se, sim ? E' casada ?
 Que rapariga vexada !...
 —Ai ! de esperar já cançada,
 « Aproveitei o Thomaz !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Totonha, adeus !—Que me trouxe ?
 —Eu lhe trouxe o coração !
 E vossê o que guardou-me ?
 —Vejam, vejam... não sei, não !
 —Pois eu cumpri a promessa...
 Eis-me de volta...—Ora essa !...
 « Mas que demcra...que peça !
 « Nos homens que ingratição !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

—Lá vem o meu bonitinho...
 —Tia Rosa, como está ?...
 Tome lá este rosario...
 —Deus do céu lhe pagará !
 —Aquella é minha afilhada ?
 Zé Pequeno na aguada...
 E a Marianna entoada
 Cantando vai acolá !..
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

E todavia os meus campos
 Pela cidade troquei !
 Por tanto tempo a ventura
 Pela amargura deixei !
 Aqui affectos... carinho...

E lá ?.. Perfidias... espinho...
 Té que metti-me a caminho,
 Té que p'ra os mattos voltei !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

No páteo entro da casa...
 Vem-me encontrar o Leão...
 Velho rafeiro...que pulos...
 Que prazer que sente então !
 Latindo salta a meu lado...
 E rincha e marcha apressado
 O meu castanho no prado,
 Prado de seu coração !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

Aqui a fonte, a cascata
 Onde sempre me banhei,
 Alli a verde collina
 Onde muito passeei;
 A varzea, a matta frondosa...
 A lorangeira mimosa...
 Alem...morava a formosa,
 Morena que tanto amei !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

E por entre conhecidos.
 Entre sorrisos sem fim,
 Da linda casa paterna
 Ao alpendre chego...alfim !
 Oh, que ditoso momento !
 Qu'immense contentamento !..
 Não tem força o entendimento...
 Não se pinta um quadro assim !
 Graças, graças ao bom Deus...
 Eis-me sorrindo entre os meus !

JUVENAL GALENO

OS QUINZE DIAS

Começa com o anno a romagem desta revista—pallida scintillação dos grandes commettimentos e das doiradas utopias que vão pelo cerebro e pelo coração da mocidade cearense, sempre inclinada aos tentamentos da actividade e do progresso, sempre valente e audaz.

Distanciada de todos os favores do governo e dos poderes politicos—a provincia lucta sempre !

E é pela evolutiva e constante acção

de seus esforços que se conserva evidentemente ao par de suas mais fortes e favorecidas irmãs na communhão e no congresso do trabalho, em todas as suas multiformes manifestações.

Nenhuma tão prompta nem tão solícita como ella aos alarmas do progresso e da civilisação.

Mas luta só! Tosquiada pelo centralismo deixam-n'a entregue ao destino.

Hoje tudo deve-se ao esforço proprio da provincia, ao seu natural pendor para as reformas adiantadas.

A abolição na provincia, por exemplo, foi uma grande revolução patricia; grande e nobre pelos seus elevados intuitos, generosa e pacifica como um prestito de heroes antigos, diante da civilisação moderna. Mas, essa revolução foi feita pela mocidade cearense, que teve no seu sangue bastante energia para lavar da nodoa infamante do captivo uma das maiores e mais populosas conscripções do Imperio americano, nas aguas lustraes da egualdade dos direitos de um povo, diante da patria, fóra das leis civis e humanas.

E dessa revolução contra os mais seculares e arraigados preconceitos e maistitulos de propriedade constituida, não ha uma pagina de sangue!

Pois bem: diante d'esse deslumbramento de heroismo, a maioria dos homens do poder ergueu o seu odio e o odio dos apologistas da escravidão dos brasileiros rendidos ao trabalho!

A provincia ficou odiada dos grandes fazendeiros do sul e dos pontifices politicos de todas as greys, enquanto recebia dos confins do mundo civilisado as oblações da humanidade agradecida e dos grandes homens admirados!

Lêm que pese aos nossos antagonistas, que são os antipodas da civilisação — a terra livre do Ceará após todos os desastres da ultima secca de cinco annos, e, mesmo, dos constantes obstaculos que lhe antepõem a politica e o governo floresce a olhos vistos diante do estrangeiro e diante do Paiz.

Agora mesmo — o seu deposito de algodão, somente em Liverpool, praça estrangeira com quem commercia em maior escala, cobre o de todas as outras provincias do Imperio.

E' bem de vêr que o trabalho livre, so-

brepuja todas as difficuldades que o rodeiam.

O agricultor cearense, desfalcado embora de braços, quasi nas condições da Venus de Milo, realisa verdadeiros milagres, e as colheitas multiplicam-se de anno a anno com um augmento prodigioso.

O cearense é, como se justifica, o povo mais laborioso, mais activo, de toda a communhão brasileira, porque tem por legenda o — *Libertas quæes era tamen*.

Este tentamen das letras, não é uma chimera nem uma utopia. Elle tem o seu grande alcance em toda a latitude da evolução do espirito moderno. Uma cousa distingue-o pelo menos — é a tentativa de facto: e o que evolue tem a virtude da actividade e a presumpção do trabalho.

O cearense não estaciona — é do seu espirito, da sua indole primitiva a agitação, o esforço.

Começamos, por hora, a accentuação desta parte da nossa folha e em seguida traçaremos a chronica dos factos occorridos na epoca de nossa romagem pela imprensa, que auguramos longa, a despeito, mesmo, das difficuldades que lhe são inherentes.

O thema da actualidade são as prevenções hygienicas, estabelecidas contra a supposta invasão do *cholera-morbus*.

Si alguma medida benefica tem sido cuidada nestes ultimos tempos, no municipio, com certeza é esse accordo hygienico. A cidade vivia entregue a uma camara deleixada, que gastou seu melhor tempo em tricas partidarias, e desvios economicos.

Ha hoje um aceio regular em quasi toda a cidade, porem ha verdadeiros cahos de immundicie em diversos pontos, sem destinar-se o local onde deva ser depositado, por uma vez, o lixo.

As commissões hygienicas nada adiantam nas visitas assombrosas que fazem ás casas de familia, onde ha sempre regular aceio. Ellas deviam vêr a agua! A agua do Bemfica, a das carroças, a dos agua-deiros, de cacimba, de baldes, os barris de conducção. Ellas deviam vêr os açougues, os fornecedoros de viveres para o consumo publico, a carne-velha, o bacalhau etc.

Mas... quem sabe mais que os médicos ? !

A camara municipal—edificio, recebeu em seu tabernaculo—a camara municipal—vereança.

O que fará a nova deputação do municipio ?

Demissões e nomeações ? !

São esses os actos mais salutaes do nosso partidarismo de campanario. Paes de familia que descem as escadas sem pão para os filhos ; co-religionarios que sobem a receber as sinecuras dos chefes reconhecidos.

Uma dolorosa semelhança da comedia burlesca da «Torre em Concurso».

Os actos primeiros dão moldes ás resoluções posteriores.

Eis o que pode esperar, e é o que pensa, o municipio, da nova camara.

Nós, não ;—nada pensamos a tal respeito.

SS. AA. Imperiaes vão a esta hora pondo os augustos pés nas terras d'Europa.

Felizes e soberbos, os principes dos escravos nem lembram-se talvez, que neste paiz que os subvenciona, bate-se oiro das lagrimas dos brazileiros escravizados, para proporcionar-lhes a gloria da vida faustosa que levam, pelos palacios da carcomida nobreza do velho mundo.

Bem felizes que são os principes !

O jornal official publicou em seu numero 5, um contracto partidario feito entre amigos dos chefes das fracções *graúda* e *miúda* do partido conservador de Maranguape.

Admirados da ingenuidade pouco criteriosa com que um jornal serio publica um pacto tão vergonhoso, de que foi parte contractante, recommendamos o facto ao bom senso da posteridade !

E' preciso que appareçam essas pustulas politicas para que os partidos se resguardem de tanta prostituição.

A. M.

A ESCOLA

Eis-me na Escola, no templo
Da divindade-Instrucção.
Vês ? O preceito e o exemplo
Fascinam, como um clarão !

O livro, como uma aurora.
Tem seducções como um céu !
O velho terror de outr'ora
Cahiu do Olympto, morrêo !

O Mestre não se impõe mais
Pelas tormentas do olhar.
Agora—prolonga os paes
E a Escola—completa o lar !

Como um bando de esperanças
A vôar para o porvir,
Folgam, brincam as creanças
E o Mestre vem applaudir !

Eis porque vejo na Escola
Um bem, o futuro, a vida !
Do deserto—isto consola !—
Surge a TERRA PROMETTIDA !

Ceará, 1887.

J. DE SERPA.

AS CRIANÇAS

(A JUSTINIANO DE SERPA)

Eu quero muito as crianças
Alegres, vivas, sadias,
Que vivem como esperanças
Enchendo o lar de alegrias.

Sempre travessas, inquietas,
Tagarellantes, gentis,
Quaes mimosas borboletas
A revôarem subtis.

Eu quero-as muito !.. E ao vel-as
Quem deixará de querel-as,
Quem deixará de as buscar ?

São essas cheirosas flores
Fructos dos nossos amôres,
Encantos do nosso lar !...

J. OLYMPIO.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 2

FORTALEZA, 30 DE JANEIRO DE 1887.

SUMMARIO

EXPEDIENTE.—A MULHER CEARENSE—Abel Garcia.—
O BEM-TE-VI—Bruno Jacy.—ORIGEM DA PALAVRA CEARA—
Paulino Nogueira.—MARIA DE BARROS—Juvenal Galeno.—
MILTON E AS PHAS. S DE SUA VIDA—Dr. Guilherme Studart.

EXPEDIENTE

Aos nossos collegas da imprensa da provincia damos aqui testemunho do reconhecimento em que ficamos para com todos, pela fidalga gentileza com que acolheram o primeiro numero d'A QUINZENA.

Guardamos como um estimulo as expressões altamente lisongeiras que nos consagraram e procuraremos corresponder á franca sympathia e honrosa confiança com que nos distinguiram.

Aos numerosissimos cavalheiros que de boa vontade dignaram-se vir em nosso auxilio, inscrevendo-se subscriptores deste periodico, somos igualmente agradecido.

Pedimos desculpa a alguns dos nossos distinctos colaboradores aos quaes ainda nesta edição não podemos satisfazer, dando publicidade aos seus trabalhos, alguns de subido valor.

Entre outros artigos retirados por falta de espaço fica a secção—Os QUINZE DIAS.

A QUINZENA sahe ainda nesta 2.ª edição com alguns defeitos de forma que iremos corrigindo, como já o fizemos em relação a algumas faltas do 1.º n.º.

Brevemente contamos poder publicar materia muito mais abundante para o que já foi providenciado.

A QUINZENA publica-se duas vezes por mez.

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A mulher cearense

I

Neste breve ensaio sobre o espirito da mulher cearense, expomos apenas o que se nos affigura sufficiente para a elucidação do assumpto e pôde ajustar-se à capacidade de um artigo de revista.

E' uma parca contribuição para o estudo da psychologia e do *modus vivendi* social da mulher nesta porção da patria brasileira. Dar-lhe-hemos mais amplo desenvolvimento, accumulando maior material de observações proprias e pesquisas directas, em trabalho posterior, de que a presente exposição é simplesmente um esboço.

Embora as affirmações, que vamos avançar, pareçam um prurido de innovações, nos espiritos amollecidos pela doçura da inactividade, que delicia-se alogados no *nirvana* da indifferença e estão sempre prestes a aguçar a ponta do estylo do desdem contra os portadores de quaesquer verdades, vêm ellas a publico escudadas com o prestigio da sciencia e a força de ideias bem accentuadas.

A critica historica dos acontecimentos humanos nesta provincia, explicando a sua marcha e as condições de *meio* em que se produziram, e a observação no actual momento evidenciam a differença que ha entre o caracter cearense e a indole dos demais habitantes do país. Facilmente se reconhecerá isto com fundamento verdadeiramente scientifico si attender-se à infinita variedade de agentes ou influencias locais, que têm aqui actuação sobre a vida humana.

Si é certo que as acções do homem são sempre influenciadas pelo meio que habita, por seu organismo e por suas aptidões adquiridas hereditariamente, convem explanar o processo pelo qual o typo physico e moral do cearense chegou a differenciar-se das feições caracteristicas dos brasileiros em geral.

No Ceará o homem é activo, arrojado e impressionavel. As fatalidades do meio deram-lhe às formas da vida a mais forte organização. Educado na luta, energico pela necessidade, tem mais de uma vez attestado brilhantemente o sentimento profundo de sua força.

Não basta-lhe a placidez da familia, a vida intima: ha em sua alma uma aspiração mais vigorosa, um apuro de sensibilidade que toca muita vez às raias da febre em que um nada mesmo o lança. Necessite a communhão cearense defender-se da implacabilidade dos elementos naturaes conjurados contra ella ou, cedendo ao movimento da civilização, ao impulso de novos sentimentos, procure apagar os derradeiros traços de uma instituição antipathica à sua indole democratica como a escravaria, elle mostra-se ahnegado até o sacrificio. O entusiasmo vibra em seu ser com a sonoridade do crystal. Então é apaixonado, tempestuoso, deixa-se conduzir nos vãos da imaginação vivaz e in-

stavel, use elle da força ou faça valer a razão. Isso caracteriza-o.

Rompa por entre os obstaculos naturaes ou sobrepuje os empecilhos e artificios oppostos pelo governo central que tem para elle a rispidez d'uma madrastra, parece que o cearense timbra em dar a todos seus actos a sancção do sacrificio.

A ardencia da natureza desta parte do continente sul-americano como que infiltrou nas feições physicas e moraes de seus filhos os traços rraes da virilidade e allivez de sentimento, que transparece nos seus usos e costumes, nas suas instituições, na sua pequena litteratura, na sua poesia popular tão vivamente colorida.

Situado 'num meio aliás fertil, mas periodicamente esterilizado por um accidente climaterico, o homem tem desenvolvido extraordinaria actividade procurando prover à sua subsistencia e precatar-se da acção dos phenomenos externos. 'Nesta luta muita vez reproduzida, reflectindo sobre as coisas e adquirindo, à custa de penosa experiencia, conhecimentos e arte, tem-se-lhe apurado a agudeza da percepção e accrescido a impressionabilidade do systema nervoso.

Lamarck, o precursor de Ch. Darwin na fundação da theoria do transformismo, havia já assignalado a influencia da acção do meio na transformação das especies animaes e, conseguintemente, do homem, modificando-o em suas disposições physio-psychicas. Applicado à historia das sociedades por Bagehot, Comte, Buckle, Taine e outros o processo critico-naturalista poude explicar certos phenomenos da vida humana até então mal comprehendidos em sua origem.

O methodo historico-naturalista vae instruir-nos do modo da formação do character cearense, contrastando a divergencia, que apontamos, entre o filho do Ceará e o typ nacional em geral.

Determinemos primeiramente a influencia do clima, d'um sol senegalesco muita vez, do aspecto geral da natureza das condições mesologicas emfim, que têm trabalhado na modelação do typo e da indole da população cearense. 'Neste solo excepcionalmente constituido, em pronunciada elevação sobre o nivel maritimo e violentamente agitado por correntes aéreas, desenvolveu-se o homem lutando com as asperezas naturaes e esforçando-se por neutralisar-lhes os effeitos.

Fustigado pela necessidade de acercar-se de commodidades, 'neste embate de acções e reacções, creando artificios que tivessem decedido valor para resistir à pujança dos agentes physicos, o cearense foi avigorando o poder da vontade, a intelligencia, e adquiriu esse pendor caracteristico para as aventuras e facilidade de assimilação de todas as innovações, que se lhe apresentam. Producto do cruzamento de raças pouco adiantadas, como a portugueza, a aborigene e a africana, não possuia ainda o cearense, ha quatro seculos, o poder da civilização, da arte, que consegue utilizar em proveito do proprio homem as forças cosmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar traços climatericos. Quem conhece o processo ethnico da constituição da raça brasileira, não estranhará certamente que affirmemos que ha algumas centenas de annos o viver das populações deste recanto do Norte, era quasi primitivo, rudimentar. Era então a acção da intelligencia do homem quasi impotente sobre as leis physicas. A natureza retratou-se-lhe n'alma, imprimindo-lhe essa ardencia e impetuosidade que ainda hoje o assignala.

Vivaz apparece ainda em nossa memoria a lembrança do accidente climaterico que recentemente sitiou pela fome e a sede uma população inteira e deixou, em traços bem profundos, assignalada a sua passagem pela vida economico-social do Ceará. Foi a *secca*. Sem a humectação pe-

las aguas pluviaes o solo esterilisa-se, a vegetação deslha e em procura da estreita faixa de terra do littoral deslocam-se as populações centraes, empenhando-se então terrivel—a luta pela existencia. A natureza pouco antes tepida, risonha e eminentemente favoravel ao desabrochar da vida em todas as suas manifestações, apresenta 'nesta crise climaterica espectáculo estranho!

Como é sabido, a concurrencia vital é um dos factores mais importantes da evolução social.

Já evidenciámos a influencia do meio physico em geral; mostraremos agora, em rapido esboço, a contribuição da—selecção natural—resultante do conflicto vital, para a constituição do character cearense e especialmente da mulher.

Desde o seculo XVII, até onde alcança a historia do accidente natural—a *secca*—, tem se reproduzido em ordem regular, periodicamente, este phenomeno regido por lei immutavel talvez, mas ainda não estudada scientificamente. Determinando profundas e successivas mudanças nos diversos processos industriaes, usos e costumes do povo, activava as funções organicas e mentaes, do homem. D'ahi resultou o facto de observar-se no cearense notavel desenvolvimento intellectual e uma quasi hypertrophia da sensibilidade.

Bracejando com grandes difficuldades, arrastado no fluxo e refluxo de uma vida accidentada de perigos e aventuras dramaticas, em emigrações forçadas, obtinha essa energia caracteristica e vivacidade de imaginação que, em irisações fulgurantes, transloz na poesia natural dos cantos populares. Adaptando-se ao meio, conseguia resistir às forças geologicas conspiradas contra todo o principio de vida organica. Pela selecção depuravam-se as energias, triumphando os mais fortes.

'Nesse crescendo de aperfeiçoamento moral do povo cearense, accumulou a mulher principalmente novos capitais de potencia cerebral e flexibilidade de sentimento. Em concurrencia com o homem, nas phases de agitações physico-sociaes por que tem passado esta provincia, a mulher conquistou, por successivas accumulções, hereditarias qualidades superiores d'espírito, que habilitaram-n'a mais tarde a representar uma figura distincta na historia da civilização brasileira.

A approximação mental e moral entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um facto excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psychologica, isso verifica-se de modo admiravel.

ABEL GARCIA.

(Continua)



O BEM-TE-VI

Ficava logo à beira do caminho a cajaseira grande e ramalhuda, a cuja sombra tantas vezes descansara elle, inda rapaz, enquanto as moças internavam-se na basta ramaria até o lugar encoberto onde costumavam banhar-se.

Era alli que os rapazes da villa melhormente achavam occasião para entreter se no assumpto predilecto,—o outro sexo.

Emquanto esperavam a sua vez de tripudiar nas aguas puras do ribeiro, estendidos sobre a relva ou recostados ao tronco venerando, a despedaçar gravetos com os dedos ou fazer entalhes na casca secular, aventavam opiniões, communicavam projectos, contavam episodios, contando quasi sempre os nomes, que seriam de sobra conhecidos.

Somente a voz maliciosa do bem-te-vi, occulto na ramagem alguma vez intromettia-se na palestra e não raro acontecia vir bem a proposito o seu dito.

Era um intruso agradável e faceto aquelle passaro, que muita vez interrompera ja colloquios amorosos, assustando os ternos pares com seu grito sarcastico e indiscreto.

A's vezes um rumor alegre de muitas vozes coado atravez da ramagem vinha até o ponto em que os rapazes esperavam; e o ruido que fazia a agua, batida com violencia pelos corpos em flor, evocava-lhes na idéa imagens abrasadoras.

A conversa arrefecia então e a phantasia trabalhava só.

De quando em vez, porém, ouvia-se estridente o grito da ave, que lá de cima, insinuante, maliciosa, bradava:

— Bem te-vi!

E accendia mais a irritação em cada um dos grupos. Da parte de lá soavam gargalhadas.

Quando uma vez, de volta dos cajús, elle conseguiu adiantar-se ao lado d'ella, distanciando algumas braças o resto do grupo e confessou-lhe o seu amor, balbuciando, suffocado, ella corou sem responder, com a vista baixa, depois ergueu para elle uns olhos languidos, languidos...

E seguiram calados algum tempo.

De subito, passando elles perto d'aquella cajazeira, o bem-te-vi soltou dos ramos o seu grito agudo.

Estremeceram. Soltaram-se as mãos.

E o canto d'aquelle passaro ficou-lhes na alma associada sempre a uma dulcissima recordação.

Muitos annos passaram, muitos.

Elle tornava agora àquella villa que deixara inda quasi adolescente.

Ganhara já muitos cabellos brancos, muitas decepções e alguma experiencia, da qual achava rara occasião para servir-se.

Viu a casa paterna, a igreja, o cemiterio. Viu muita gente, que deixara criança e nem o conhecia.

E a cada novo objecto, que encontrava e despertava-lhe uma recordação, dizia consigo:

— Tudo mudado!... Tudo!

Viu-a também. Que differença! Custou a conhecê-lo, mas depois:

— Já se lembrava, sim, era verdade! Oh! conhecera-o muito, mesmo. Estava tão mudado!... Quanto tempo!...

E explicava ao marido que elle era filho do irmão do professor, aquelle que fizera a casa da esquina, defronte da matriz, e que se fôra depois empregar lá para o sul, com um parente, na côrte.

Conversaram muito das cousas d'aquelle tempo: a intriga do professor com o vigario, as eleições de 66, os tiros na casa do coronel, a fugida da filha do major com um sargento; lembraram-se do tempo da guerra, os voluntarios que foram embarcar e tantas cousas...

Tudo isso era dito com uns modos tão singelos, um sorriso tão natural!..

Sabiu d'alli pensativo; na memoria fervilhava-lhe um montão de cousas, em que não tinham fallado.

E mentalmente ia repetindo uma vez por outra:

— Tudo mudado!... tudo!

Sem pensar no que fazia, encaminhou-se pela estrada que ia ter ao rio. Tinham-n'a atterrado; estava mais larga, sulcada pelas rodas de muitos carros. Ao longe, do outro lado, avistou uma diligencia que se aproximava com grande tilintar de campainhas, levantando muita poeira.

Sobre o rio, na passagem, mesmo perto d'aquella arvore antiga, haviam construido uma ponte

de madeira, pintada de vermelhão, que prestava ao lugar uns tons variegados, vivos.

— Tudo mudado!... tudo!

Mas no ramo da velha cajazeira—o bem-te-vi soltou ainda uma vez aquelle mesmo grito malicioso, penetrante, como si fosse uma aguda lamina que se lhe imbrisse no coração.

BRUNO JACA.

ORIGEM DA PALAVRA 'CEARÁ'

(Conclusão)

E' ponto tirado a limpo por Candido Mendes—que foram os Petiguáres, do Rio Grande do Norte, que deram-nos o nome de Ceará, quando pela primeira vez foram trazidos para o nosso territorio por Pedro ou Pero Coelho de Souza. Concordam o Sr. Catunda e o Sr. J. Brigido no seu *Resumo da Historia do Ceará*, pag. 1. Antes o nosso territorio era conhecido por *Pauiz do Jaguaribe*, somente.

Ora, os Petiguáres, que erão da raça tupica e por tanto da lingua geral, com certeza não se serviriam de um vocabulo que não de sua lingua. Por outro lado, quando descobrio-se o Brazil, referem Milliet e o Dr. Mello Moraes, *Corographia Historica do Brazil*, Tom. 2.º, pag. 378, os Cariris habitavam a cordilheira da Borborema nas serras, que reúnem a Parahyba com Pernambuco. Ahi foram encontrados pelos portuguezes, que depois lhes deram o nome de Cariris *velhos*, em contraposição á parte delles, que mais tarde viéram habitar o nosso valle do Araripe, hoje cidade do Crato, e que por isso ficaram seado conhecidos por Cariris-*novos*.

Não é crível que delles, habitantes do centro, da raça tapuya e, por tanto, inini-ga, viesse o nome ao litoral, habitado pelas tribus naturalmente mais intelligentes e presumidas, como descreve Magalhães, visconde de Araguaia:

Desses Tupis nós todos descendemos,
Tupinambás, Tamoyos, Tabajáras,
Guainás, Carijós e outros muitos,
Que por toda esta terra se estenderam
Sempre em frente do mar em guerra aberta
Có os Tapuyas, que o centro procuraram,
E que jamais conosco paz quizeram.

(CONFIDERAÇÃO DOS TAMOYOS, C. 5, PAG. 145.)

Parece ao Sr. Capistrano de Abreu que *Ceará* foi dado primeiro ao nosso rio do que ao territorio, *ad instar do Ceará-mirim* no Rio Grande, no que estão de accordo Candido Mendes, Milliet, Pompêo, J. Brigido, Catunda e Macedo, *Corographia do Brazil*, Tom. 2.º pag. 67; o que lhe dá margem e fundamento para nova interpretação.

Ainda sinto estar em desaccordo.

Quando os Petiguáres viéram ao nosso valle, o *Ceará-mirim* tinha o nome de *Baquipe*, como nos informa Gabriel Soares, obra citada, Cap. 9, ou de *Genipabú*, segundo Milliet; e o nosso rio *Ceará* o de — *Pirangy*, conforme o mappade Pero Coelho de 1603. Por tanto, não só o nome de *Ceará-mirim* como o de *Ceará* só foram dados pelos Petiguáres depois da sua chegada ao nosso solo. O contrario repugna até á razão. Como esses indios podião qualificar de *Ceará mirim* (Ceará pequeno) um logar ou rio antes de conhecerem outro maior ou grande? Duvido, por esta mesma razão, que elles chamassem maior o nosso rio, de cuja grandeza se pode fazer ideia pela noticia, aliás exaggerada e inexacta, que delle dá S. Rita Durão:

O Ceará, depois Provincia vasta,
Sem portos e commercio, jaz inculta,
Gentio immenso que em seos campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta.
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do sertão, de que resulta
Rio, onde pescão nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

Caramurú, Cant. 6. Est. 73.

Pompêo já nem o menciona no seu *Compendio de Geographia* na hydrographia da Provincia, ao passo que dá o *Ceará-mirim* por um dos principaes rios do Rio Grande do Norte, com curso permanente. No seu *Ensaio Estatístico da Provincia do Ceará*, pag. 32, e *Dic. Top.*, dá-lhe pequeno curso durante o inverno, fazendo barra á duas legoas da Fortaleza, com um ancoradouro fundo, antigamente frequentado, hoje obstruido pelos bancos de areia.

Sobreleva que a mais antiga e constante tradição, attestada pelos documentos officiaes da maior valia, sempre deram á nossa Capitania a denominação de *Ceará-grande*, já traduzido para o portuguez *guacú* ou *jú*, o augmentativo por excellencia do indigena para as cousas corporeas ou vi-

siveis; da mesma maneira por que ainda hoje se diz — *Indarahy grande*, na Côte. Só o nosso vasto territorio, como sempre foi, podia merecer-lhes este qualificativo, o maior da sua lingua, e perfeitamente cabivel em relação ao territorio do *Ceará-mirim*, muitissimo menor.

Acceitas por ventura estas considerações, outra não menos importante deve selo igualmente; e vem a ser que nem sempre os indigenas applicavam aos rios nomes em cuja composição entrasse o vocabulo designativo d'agua, como parece a Capistrano de Abreu, lembrando aos interpretes o vocabulo *azu*, agua, da lingua Cariry. Uma rapida vista sobre a hydrographia da Provincia basta para resolver toda duvida deste ponto. Por exemplo: *Jaguaribe*, a maior bacia da Provincia, significa — *terra de onça*; *Caracú*, a segunda, — *buraco ou roça de garças*; *Quixeramobim* — *vaccagorda*, segundo Milliet, ou — *ah! meos outros temp s!* segundo o Dr. Martius; *Siupé* — *lojar de caça*, e outros muitos. Não fallo de *Sitiá*, que Pompêo, no seu *Ens. Est. cit.*, pag. 31, ora escreve *Sitiá*, ora *Satiá*; porque esta palavra, conforme a melhor tradição que pude recolher, nem indigena é: é o verbo portuguez *sitiar* com a queda da ultima letra pelo uso vulgar phonetico no Brazil. Nas cabeceiras deste rio, mais propriamente riacho, costumavam antigamente acoutarem-se malfeitores; *sitiar* estes era o maior empenho da autoridade, que assim conseguiu destroçal-os. D'ahi o nome ao logar e depois ao rio. Nas mesmas condições está *Quixossó* ou *Caxossó*, que não é sinão corruptella de *Caixa-só*, unico objecto que se achou de um roubo nesse logar, termo de Pereiro. Nem admira semelhante confusão; pois Alencar tambem na sua *Iracéma* dá Mecejana por indigena quando não é sinão o nome de um antigo logar, limite de Portugal com Hespanha; e Baptista Caetano, a autoridade mais competente de quantas tem tido o Brazil, chegou a dar *carapuça* por *abaneenga*, palavra essa já usada em portuguez na Carta de Vaz Caminha, descriptiva do descobrimento do Brazil por Cabral! (Vide *Ens. de Sciens.* Tom. 2.º, pag. 103, e *Gazeta Litteraria* do Rio, Tom. 1.º, pag. 348.)

Isto posto, já tardo em emittir minha opinião. Parece-me que *Ceará* compõe-se dos dous vocabulos da lingua geral — *çoo*, *soo* ou *suu* caça; de *dra* tempo, e da

partícula pospositiva *á*, com que o indígena dava mais força á expressão, significativa de um sentimento ou convicção forte, fóra do commum ; querendo assim dizer— *verdadeiro tempo de caça* ! A abundancia de caça no nosso litoral, nos tempos primitivos, é attestada por todos os chronistas ; devia, por tanto, impressionar agradavelmente o indígena, que d'ella vivia exclusivamente : —

Vagamos sempre, e nunca em firme assento
Nos deixam ter da *caça* os exercicios ;
Buscamos *n'ella* os proprios alimentos,
E habitamos onde *a ha* ou *della* indicios,
E estes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios ;
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno ou praia toque.

Caramurú, Cant, 3. Est. 63.

Muito commum tambem aos naturaes era esta expressão, que passou aos colonos, e de que ainda hoje usa-se geralmente : *tempo de inverno, tempo de verão, tempo de cajú, tempo de caça, etc.* ; em vez de — *estação do inverno etc.*

A orthographia *Siará*, usada primitivamente, ainda mais corrobóra esta interpretação, que dá caça, na versão indígena, tanto escripta com—ç (*çóo*), como com—s (*soo* ou *suu*) ; e ás vezes se encontra corrompida em *si*, como em *Siupé*, outras em *su*, como em *Sucatinga*. Em *l'eará* encontra-se a principio corrompida em *si*, depois em *ce*, como actualmente.

Esta interpretação dei-a depois de estudo calmo e reflectido. Si ainda não é a verdadeira, funda-se, pelo menos, nos mehores desejos de acertar.

PAULINO NOGUEIRA.

MARIA DE BARROS

Chamam — Maria de Barros—
A industriosa avesinha
Que faz de barro o seu ninho,
E o ninho é linda casinha.

I

Que amor tão doce, dedicado, immenso !
Quanto carinho no trocar dos beijos...
Que olhar de affecto, qu' innocentes risos,—
Num só resumem do viver—desejos !

Amam-se tanto ! Pede o amor um templo...
Um lar as nupcias,—morno berço o filho...
E eil-os cuidados...já é tempo... o ninho...
Contemplo a lida e a commoção partilho !

Que o mago sonho que me prende à vida
E' o lar... o berço—da ventura esteio...
Tamanha dita... qu' inda eu goze, vendo
Brincar meus filhos da consorte ao seio !

E o par amante de avesinhas meigas
Procura um ramo de seguro abrigo :
—Olha, menina, este é bom... tem sombra...
—Ora... é tão feio... meu querido amigo !

—Agora, agora, quero ver que dizes...
—Este recanto ?... Que lugar de monge !
—E o que desejas ?—Muita luz e flores...
«Aurora e regatos, linda vista ao longe !—

Doce portão, onde a affeição encontra
Gratos motivos d'um feliz desvelo !
Tambem, ai quando escolheremos juntos,
Mulher qu' eu amo... um lugarzinho bello ?...

Por fim combinam, preferindo alegres
Fronoso galho de mangueira annosa :
—Ora... aqui, sim ! murmurava a esposa,
Languida e terna, a suspirar ditosa.

Bonita estancia ! Qu'horisontes largos...
Em torno brotam perfumosas flores...
Um regatinho preguiçoso e puro
Perto soluça descantando amores.

Então começa com fervor a obra ;
Ambos piando a trabalhar contentes,
O barro escolhem,—seu biquinho prestes
Molha-o e amassa... Industriosos entes !

E' feita a massa e carregal-a devem...
Eil-o levando-a no biquinho agora !
Elle o servente, a amada noiva o mestre...
Minh'alma ao vel-os commovida chora !

—Olá, depressa ! —Brada o mestre rindo,—
«Traz capinzinho p'ra botar no harro...
—Oh, que vexame... temos tempo... é cedo !
—Meu vagaroso... como estás bizarro !

Carinhos trocam, cada qual mais doce :
—Olha o reboque... l'esqueceste... alizo ?
—Ai, deixa, deixa, qu'indireito eu mesma...
Logo se beijam desfolhando um riso !

Em breve surge do trabalho o fructo ;
Vê-se o castello—dos affectos ninho...
E ri-se alegre a natureza inteira
A casa vendo do gentil parzinho.

II

—Bons dias, linda senhora !
—Bons dias, nobres senhores !
— Quem 'nesta castello mora
«No meio de tantas flores ?
—E' de Maria de Barros
«Este palacio, senhores !

Os habitantes da selva
Perguntam, pela manhã,
E ufana responde à porta
A ditosa castella.

—Então, é vosso, senhora ?
—Meu, sim, oh nobres senhores !
—E' um palacio, princeza,

“Occulto pelos verdores !
Ella estremece e responde :
—Agradecida, senhores !
E namora o seu palacio...
A casa de seus amores !

E dizem todos no prado :
—Oh, que formoso sobrado
“Maria de Barros fez !
E ella em sua casinha
Descança na camarinha,
Passeia pela salinha,
A’ porta vae muita vez !
Ora ao lado do marido
Em seus olhos se mirando,
Ou n’ausencia suspirando
Quanta saudade... bem vês !

—Olà da casa !—Oh de fóra !
—O dono da casa està ?
—Jà sabiu para o trabalho,
“Volte mais tarde, acharà !

E chega a hora ditosa ;
Ella espera-o carinhosa,
Elle a encontra logo à porta...
Depois assentam-se à meza,
Sorrindo com singeleza...
A dura ausencia qu’importa !
Se elle conta conversando
As novidades de fora,
Ella lhe conta as da casa,
E apaixonada o namora !

De tarde vem os cantores,
Na hora do pôr do sol,
Passarinhos trovadores,
Que cantam desde o arrebol,
E nos ramos da mangueira
Entãoam canção fagueira
Louvando o novo solar :
—Dona Maria de Barros,
“Que nos ouvis da janella,
“Tua casinha é tão bella,
“Qual d’um poeta o sonhar :
“Dona Maria de Barros,
“Nós te viemos saudar !—

E ella ouvindo a fineza
Com seu esposo sorriu,
E voando os trovadores,
Quando a luz do sol fugiu...
Lhe disseram :—Bôa noite,
“Princeza d’estes verdores...
—Bôa noite, meus senhores !
Responde Maria, entrando
Na casa de seus amores !

III

Doce mysterio do viver das serras !
Um d’outro ao lado, repousando calmos,
Sem dissabores...
Qu’importa em torno a escuridão medonha ?
Um Deus existe lá no ceo, que os guarda
Dos vis açores...

Rasguem-se as nuvens... não desfaz a chuva
Duras paredes do singelo templo
D’almo carinho ;
Desabe embora a tempestade em furias...
Cae o palacio--a habitação dos homens...
Não cae o ninho !

E surge o dia,—o venturoso instante,
Que tanto almeja o coração paterno...
De mãe o seio...

Filhos, chegarão... que prazer nos larcs...
Os filhos beijam... não se fartam nunca...
Que devancio !

Quantos cuidados... que mudança em casa !
Elle não pára... vae a selva e volta...
Desce à vertente...
Ella piando entre os filhinhos, terna,
Não cuida n’elle, não lhe sente a ausencia...
E’ mãe somente !

Era tão forte... e como fraca vê-se !
Tudo a amedronta... Pois não tem crianças ?...
Tudo a descora !
E’ mãe... só vive, porque vive o filho !
Ri-se com elle... mas se um geme acaso...
Ai, como chora !

Em breve,—pensa—os levará comsigo
D’alcova à sala, da casinha à porta,
Depois à relva !
Onde uns meninos mais galantes, onde ?
Iguaes—concede ! Mais bonitos, nunca
Verà a selva !

Santa vaidade... Coração inaterno,
Eu te admiro... te consagro cultos,
Amor sublime !
De mim que fóra nos vaivens da vida
Se me faltasses ? Me arrimaste sempre...
Eu era o vime !

E, pois, me enlevam d’esso amor as scenas !
Salve, casinha ! Eu vos saúdo, oh aves,
Enternecido !
Não vos conhece, quem não sabe amar-vos...
Vos ama o bardo, vos contempla à tarde,
Embevecido !

JUVENAL GALENO.

Milton, e as phases de sua vida

O que Homero é para os Gregos, Dante para os Italianos e Camões para os Portuguezes, é Milton para os filhos da gloriosa Inglaterra.

Um sabio italiano disse-o melhor em verso :

Grecia Mœonidem, jactet sibi Roma Maronem,
Anglia Miltonum jactat utrique parem.

Londres foi a patria do grande epico e o lugar onde morreu. Berço e tumulo. 9 de Dezembro de 1608 foi a data de seu nascimento e 8 de Novembro de 1674 a em que encerrou-se o curso de sua vida terrena.

A existencia de Milton, portanto, estendeu-se durante as epochas da mais transcendente importancia para a historia de sua patria, as lutas civis, que terminaram pela sanguinolenta catastrophe de Whitehall, os dias gloriosos de Cromwell, o governo tibio de seu filho, e a éra da restauração dos Stuarts.

Não nos acoimarão de errado si affirmarmos que traçar a historia do maior vul-

to que as letras inglezas offerecem depois de Shakspeare, o creador do theatro nacional, é desenrolar as tendencias da sociedade ingleza, as mudanças mais salientes por que passou um grande povo durante a mais séria das crises, que registram seus annaes.

A primeira parte da existencia de Milton estende-se por todo o reinado de Jaime I e comprehende os brincos da infancia e os esforços empregados para augmentar o cabedal de seus conhecimentos.

Entregava-se elle então com ardor sempre crescente á cultura das linguas estrangeiras, entre as quaes o grego e o latim em que foi profundamente versado, estudos que animavam e favoreciam as felizes disposições e riqueza de seu pae, o qual vigiava-lhe a educação com o mais assiduo e intelligente cuidado.

Não foi só ás letras que o futuro secretario de Cromwell dedicou o periodo de sua bem aproveitada juventude; as bellas artes mereceram igualmente muitas horas. A seu espirito já tão enriquecido, entre outras, como fôra para esperar do filho de um grande musico e compositor, como affirma o dr. Burney em sua *History of music*, a arte das melodias encontrou 'nelle um cultor favorito, em quem despertava transportes e a cujos olhos figurava os ceos como elle mesmo o diz em nobres phrases no *Allegro* e no *Il Penseroso*.

O seguinte periodo da vida do immortal poeta (1625 a 1640) comprehende sua entrada nos altos estudos da universidade de Cambridge, a sahida da universidade e os cinco annos de descanso na casa paterna em Horton, condado de Bukingham, onde seu estro poetico produziu *Il Penseroso*, *L'allegro*, *Arcades*, e *Comus* executado pela 1.^a vez em Ludlow Castle na noite de Natal em 1634; comprehende ainda seu passeio pela Italia (1638) onde por toda parte foi acolhido com honras e as mais significativas provas de admiração e de apreço, que lhe attrahia sua fama já então Européa.

O anno seguinte destinava elle a uma excursão pela Grecia, mas já então a Inglaterra se sentira dividida pelas crenças politicas e de religião, e, pois, o poeta abandonou o continente porque, como elle o disse, julgava uma vergonha viajar a cata de prazeres no estrangeiro, quando seus concidadãos lutavam encarnecidamente pela li-

berdade.

De sua volta a Londres, d'onde sahira havia 15 mezes, até os dias de Cromwell vae a terceira parte de sua vida.

E' então que vem a luz o tratado sobre *Educação*, essa bella pagina em favor da liberdade da imprensa, que se chama *Areopagitica*, obra de amor e inspiração, na phrase de Disraeli, o *Eikonocláste*, resposta ao *Eikon Basilike* (a Imagem Real) que, segundo alguns, fôra escripto pelo proprio Carlos I e que é attribuido por outros, Toland por exemplo, ao bispo Dr. Gauden, e afinal sua *Defesa do povo inglez*, livro publicado para refutar as theorias que Salmasio, o successor de Scaligero em Leyde, expendera em sua *Defensio Regia*.

O livro de Salmasio tem por titulo *Defensio Regia pro Carolo I ad Carolum II, Parisiis 1650*, e a resposta *Joannis Miltoni Angli pro populo Anglicano defensio contra Claudii anonymi, alias Salmasii, defensionem regiam*. Londini 1661. Essa resposta foi condemnada á fogueira por dois decretos dos Parlametos de Paris e Tolosa, como outros livros do mesmo author foram declarados hereticos pela Universidade de Oxford em suas conclusões de 21 de Julho de 1683, pelo parlamento de Inglaterra e Igreja Anglicana.

Facto notavel! os proprios amigos de Milton, os republicanos, expungiram trechos magnificos de sua *History of the Long Parliament and Assembly of Divines*, que, todavia, conhecemos felizmente, graças ao conde de Anglesey, o edictor de *White lock's memorials*, o qual os publicou em 1681.

Por seu lado os Estados de Hollanda condemnaram a obra de Salmasio, que foi morrer acabrunhado em Spa em 1653.

A *Defensio* seguiu-se a *Secunda defensio pro populo Anglicano* em que é atacado Alexandre Moro, que Milton suppunha erradamente ser o auctor do livro *L'Amor regii sanguinis ad caelum adversus parricidas anglicos*, publicado em 1652 em Haya.

O verdadeiro author dessa obra foi Pedro de Moulin.

A rudesza de expressões de que se servem os lutadores da imprensa, os maus conceitos, as acrimonias, as allusões ferinas, de que lanção mão muitos dos modernos jornalistas, não constituem uma espe-

cialidade dos tempos que correm ; no arsenal das paixões humanas, não poucas vezes, foram os que nos precederam armarse também para sahir a campo.

Conhecemos as lutas apaixonadas de von Hutten e de Erasmo, o odio intolerante de Hermann von den Bussche contra Ortwin Grotius, um dos mais distinctos humanistas do seculo XVI, o illustre professor da Universidade de Cologne a quem os recentes trabalhos de Reichling acabam de reabitar das calumnias das *Epistolæ obscurorum virorum* ; a controversia de Milton e de Salmasio igualmente encerra a prova d'aquelle nosso conceito.

Os dous representantes mais eminentes de duas escolas inimigas, os espiritos mais esclarecidos d'aquella epocha encandescente foram respigar no chão das tabernas os apodos com que rematassem uma discussão philosophica, posessem termo ás criticas, que originava um importante movimento social.

A que nivel descia o auctor do *Paradise Lost* quando cortejava os favores de Christina da Suecia, a principio protectora de seu adversario ! em que turbilhão se engolfou o interprete das coleras celestes, o cantor dos anjos rebellados !

Já então a luz dos seus bellos olhos quasi de todo perdera-se nas trevas de cegueira incuravel, o véo que estendia sobre elles a gota serena tornava-se de dia em mais espesso, de sorte que ao surgir a restauração, epocha que coincide com o 4.º cyclo de sua existencia accidentada (1660-1674) vamos encontrar-o não mais o grande corteção, aquelle a quem rendiam preito as testas coroadas, os principes das letras e das artes, mas um velho alquebrado, cego, sem fortuna, sentado sobre as ruinas das crenças e das idéas a que dedicara os impetos generosos de moço, toda a riqueza de seu espirito e os sentimentos a irromperem a flux de uma alma de fogo.

Longe ião os dias felizes. A molestia e o curso dos acontecimentos fizeram-o segregado do publico e então de mais em mais tornaram-se intensas as saudades dos dias despreoccupados, que elle empregava em conversar com as Musas, como o cego bardo da Meonia e o cego Themires, prophetas de outrora e então a litteratura recolheu em seu seio duas perolas preciosas, o *Paradise Perdido* e o *Paradise Reconquistado*, extrahidas das sublimes narrações bi-

blicas. São essas as obras primas do cantor inglez, seus mais indisputaveis titulos a nome immorredouro de grande epico e epico christão.

De seu lado Joost von de Vondel ia por esses tempos beber nas mesmas origens os assumptos de suas tragedias religiosas ou classicas, de muitos de seus dramas, Lucifer entre outros. E' esse vulto eminente da historia litteraria hollandeza, que Edmundson apresenta como o inspirador do poeta inglez, opinião, que deu lugar a uma interessante controversia no Academy e Atheneum do anno passado.

E' a eterna questão da prioridade e do plagio.

Em relação ao proprio Milton apontam-se as producções de Andréini, exhumam-se até os hexametros latinos de St. Avitus (460—525) e o poema epico de Du Bartas (1544—1591) intitulado «A Semana da Creação» como as fontes, donde hauriu muitos de seus mais bellos pensamentos o filho poetico de Spenser, como Dryden chamava-o e elle proprio se confessava.

Não admira que o dente da critica mordesse o nome de Milton, quando na bibliotheca de um templo em Memphis, consagrado ao culto do Vulcano, Naucrates descobre os plagios do immortal Homero !

O *Paradise Perdido* foi publicado em 1667 e quatro annos depois o «*Paradise Reconquistado*», que, dizem, Milton considerava superior a aquelle, e o *Sansão Agonista*, ultima producção poetica «escripta, diz Newton, no espirito dos antigos e que iguala, sinão excede, a qualquer das melhores tragedias representadas no palco grego, quando a litteratura grega estava em sua gloria.»

Seu ultimo trabalho litterario foi uma *Declaração dos Polacos em favor de João III.*

Taes são á ligeira os traços biographicos do epico Inglez, contra cuja fama embalde se colligatão as iras dos Lauders de todas as litteraturas, indignos até mesmo das phrases masculas, que a indignação emprestou á penna classica de Babin-gton Macauley.

Dr. G. St.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N. 3

FORTALEZA, 15 DE FEVEREIRO DE 1887.

SUMMARIO

O padre Francisco Pinto ou a primeira catechése de indios no Ceará - Paulino Nogueira ;
Duas palavras sobre a psychologia ethnographica - Farias Brito ;
Intima - Bruno Jacy ;
Formosa - Martinho Rodrigues ;
Historia de uma gaiivota - Virgilio Varzea ;
O ar do vento, Ave-Maria... - Oliveira Paiva ;
A educação moral das crianças na escola - D. Francisca Clotilde B. Lima ;
Da corte - Mario.
A mulher cearense - Abel Garcia ;

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

O padre Francisco Pinto

ou

A primeira catechése de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

Vou-me occupar na vida de um varão, cuja fama maior do que seu nome, e cujas virtudes maiores do que seu louvor, é a um tempo verdadeiro manancial de saudaveis e u-

teis ensinamentos para a religião e a historia.

O Padre Francisco Pinto nasceu em Portugal, não se sabe ao certo si na ilha de S. Maria ou na ilha Terceira ; sabe-se, porem, que seus paes, nobres de nascimento, trouxeram-no ainda creança para Olinda, onde fez seus primeiros estudos ; seguindo depois para a Bahia, onde professou na Companhia de Jesus, aos 17 annos de idade, em 1568

Dedicou-se desde então exclusivamente á vida da catechése, na qual distinguu-se logo de um modo excepcional. Humilde por virtude, o era tambem por estudo, e caritativo por natureza, especialmente com os indios, com os quaes, dizem, tinha uma tão especial graça que, apesar da sua mesma dureza e barbaridade, lhes roubava os corações e attrahia a vontade. A todos estes dotes reunia o perfeito conhecimento da lingua delles, da qual era muito sabedor.

A principio foi missionario de aldeas já convertidas; mas, já não cabendo o seu grande zelo em missões pacificas, entrou pelos sertões a converter os gentios, entregues só á lei da natureza e aos barbaros costumes da sua natural brutalidade. Nunca os perigos o intimidaram, nem as necessidades lhe intibiaram o animo, ou acobardaram-lhe o espirito. Vivia em continua mortificação, como se vivesse morto para tudo aquillo que

podesse trazer-lhe commodidades, fiado somente na assistencia da Divina Providencia, em que punha todas as suas esperanças e confiança. Nada possuia de seu, tudo era dos pobres ; e, si alguém lhe perguntasse em que consistia sua riqueza, elle poderia responder como S. Lourenço ao impio ministro Macriano, apresentando-lhe todos os pobres da sua aldêa.

Seria incrivel que um simples mortal concentrasse em si tantas virtudes si, felizmente, de outros tantos heróes do catholecismo não estivesse cheio o *Flos Sanctorum*, e a historia imparcial não nos desse pleno testemunho dos seus feitos immortaes ; mas em todo caso admira tanta maravilha reunida, que não pode deixar de ser uma excepção gloriosa da humanidade. A propria pureza do seu corpo prezava e zelava mais do que nunca presára e zelára o maior usurario o seu thesouro, pelo gráu heroico em que sempre a soube conservar no meio de tantos laços sem cahir, junto a tanto fogo sem queimar-se, e entre tantas occasiões sem perder-se.

Conta-se que, sendo superior da aldêa do Espirito Santo, na Bahia, começou a sentir que o molestava uma desesperada tentação diabolica. Em identica situação, ao grande Thaumaturgo do Brazil, o padre José de Anchieta, occorreu o ineffavel e incruento expediente de escrever

na areia da praia, em latim, um poema dedicado á virgindade de Maria Santissima, com quem pegára-se fervorosamente para amparal-o em sua fraqueza (1): mas ao castissimo padre Pinto occorreu um pensamento de todo cruento, que poz em pratica com a maior crueldade para consigo mesmo: depois do uso de varias asperezas, devoções e penitencias sem resultado, tomou de uma candêa acceza, e

(1) E' edificante esse episodio do venerando Anchiêta, descripto por Magalhães:

—No meio dessa virgem Natureza
Onde pouco recato aos olhos nega
O aguilhão das paixões concupiscentes.
Elle, moço e severo em cujo peito,
Como em ara sagrada, o fogo ardia
Do puro amor do céu para furtar-se
A pensamentos vis, e ao ocio indigno,
Que embala os corações em devaneios,
Votos fez de cantar na Lacia lingua
A pureza da virgem Soberana,
Que os castos pensamentos affervora
D'alma que ao throno seu a fé sublima.

Quando entre o céu e o mar o sol no occaso
sens sublimes fulzores dardejava,
Tingindo o berço seu de um vasto rôxo;
Nes a placidas horas em que os bosques
Se cobrem de sombria magestade,
E a voz resôa das sonoras brenhas,
Como da somnolenta natureza
Melancolicas preces do repouso;
La o vate christão me titubun lo
Vagar sosinho na deserta praia,
Co a mente cheia do celeste assumpto,
Que em versos de seus labios derramava,
Ao gemibundo som de melosa orchestra.
Como por vel-o, e alumiar-lhe os passos,
Entre os cirios do céu se erguia a lua,
Longa zona argentina reflectindo
Sobre o mar salpicado de ardentia:
Disseram ser um rio de luz pura,
Que de vulcão celeste a flux surgindo,
Em campo diamantino deslisava!
Ao fulgor dessa lua tão cara aos vates,
Elle co o seu bordão ia escrevendo
Seus espontaneos versos sobre a areia;
E na firme memoria recolhendo
Essa correcta pagina, deixava
Que o mar na euchente lhe varresse os
(traços.

Quantas vezes Aimbire, sempre cauto
Nos deveres de chefe, e receioso
Desse nocturno vaguear na praia,
Se occultava co' os seus e o sorprendia
No poetico arroubo murmurando;
Ora os olhos ao céu erguendo, e os braços
Como invocando a inspiração divina;
Ora, com a dextra compassando a idéa,
Que em metro sonoro lhe affluia:
E certos que com Deus fallava o sancto,
Para a cabana apoz o acompanhavam.

Espalhou-se nma voz que alli foi vista
Branca pomba adejar em torno ao vate,
Quando no eulevo d'alma ao céu pedia
Idéas dignas do sagrado assumpto.

Confederação dos Tamayos, C. 10,
pag. 302.

com ella queimou a propria carne para, dizia elle, apagar com o fogo outro fogo, que queria incendial-o; ficando assim com a parte lesada em braza viva! e, como ainda depois de alguns mezes o mal não estivesse totalmente combatido, valeu-se da assistencia do seu irmão em Christo, Padre Pedro Leitão, superior da aldêa de S. Antonio, o qual acudiu-o de prompto, ajudando-o com remedios medicinaes e espirituaes a cural-o do corpo e d'alma (2). E' que elle bem sabia que a virtude por excellencia do sacerdote é inseparavel da castidade.

E' o padre urna sancta, que se guarda,
Suspendida na abobal do templo,
Que não turvão as aguas da cisterna,
Não se enrubesce ao nectar dos humanos;
E nem se passa ao proximo conviva;
Mas d'onde a herba odora, o incenso d'alva
Perenne sóbe, ao fogo do holocausto;
Para os mais homens é no seu silencio
O que o orgão do altar é para a lyra;
Não mescla a voz profunda e solitaria
Fora do templo ao vozear do mundo;
As virgens a seus sons não prendem passos;
Nem repete esses sons echo profano;
Mas na sombra do templo a voz altêa,
Grande, que avulta e corre, como o vento,
E em sancta aspiração, a Deus eleva
Da natureza e humanidade o hymno.
Mas (dizeis) vive só. A alma do padre,
Que ao raio da mulher jamais se aquece,
Retrahe-se e mirra em solidão tão erma;
Não tem familia e o coração lhe sécca.
Dizei que ao homem a familia estette,
Que os pobres lhe são mãe, mulher e filhos;
Que seu immenso amor Christo lhe infunde;
Que é seu, por dô, quanto padecer e chora. (3)

Mas venceu afinal! triumphou espirito sobre a materia nessa lucta desigual e terrivel, que por isto mesmo lhe dá maior brilho e valor. Si é bella a virtude em repouso, muito mais bella é combatendo e vencendo. Ainda uma vez a palavra de Christo con-

(2) Este facto é certificado pelo padre Sebastião Vaz, Reitor do Collegio da Bahia, nos 8 de agosto de 1659, como tendo ouvido-o ao proprio padre Pedro Leitão.

(3) Affonso de Lamartine, Jocelyn, traducção do barão de Paranapiacaba, pag. 20.

firmou-se, não deixando que prevalecessem as portas do inferno contra sua igreja. *Et portæ inferi non prævalchunt adversus eam.*

A tão bom servo, portanto, não podia Deus deixar de prolongar-lhe os dias de vida, para exemplo dos máos, encorajamento dos bons, e beneficio geral da humanidade. Uma vez, em 1582, estava já confessado e sacramentado no Collegio da Bahia, quando, refere o padre José de Moraes, o Provincial da ordena, padre Anchiêta, vem visital-o e lhe dá um grande abraço, não de despedida para a eternidade, mas de segurança certa para mais se delatar sua existencia, dizendo-lhe como verdadeiro interprete de Deus: *Meu padre Pinto, rossa Reverendissima queria ir-se ao céu ás mãos lavadas? Pois não ha de ser assim! Longa tibi restat vita! Tem amla muito que passar e padecer; não ha de morrer de morte tão descançada; antes della ha de ter muitos trabalhos; ha de fazer muitos serviços a Deus e salvar muitas almas! Levante-se vossa reverendissima, e vá dar no côro as graças ao Santissimo Sacramento, que é quem lhe concede esta saúde.* (1) mesmo foi que acabar de fallar o santo prelado que achar-se repentinamente são o veneravel moribundo. Vestiu-se e foi dar graças no côro, e desta vez não mais adoceceu (4).

Restabeleceu-se, com effeito, e d'ahi em diante sua vida conta-se por actos assombrosos á propria imaginação civilisada. Um dia, em desempenho de sua ardua e piedosa missão, achou-se entre os in-

(4) Historia da Companhia de Jesus na Vice-Provincia do Maranhão e Pará, Cap. IV.

dios dos sertões do Rio Grande do Norte, que lutavam com rigorosa secca. Supplicaram-lhe que rogasse a Deus por chuvas, que cahiriam, tal a confiança que tinham em suas preces. Como o apóstolo S. Thomé, em Mehiapor, ante o rei dos Brahmenes, elle—

Sabia hem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o
prova (5)

Movido então á compaixão e todo cheio de fé, pondo de parte os receios da confusão, pediu fervorosamente a Deus, com os olhos no céo e os olhos em terra, quizesse pela sua infinita misericórdia acudir á uma necessidade tão urgente, de cujo favor poderiam ao mesmo tempo abrirem-se as nuvens em abundancia de agua, e os entendimentos dos inféis, para não duvidarem do poder de um tão omnipotente Deus, que com os bens temporaes lhes daria os eternos, que a sancta lei de Christo lhes promettia. Estupenda maravilha! Apenas acabou o fervoroso Elias sua supplica, desataram-se os céos em tal abundancia de agua, que d'ali em diante fructificaram para Deus e para os homens aquellas terras ardentes e resequidas. Por este facto foi tamanho o conceito que os indios fizeram da sanctidade do padre que, tomando-o logo por uma divindade, deram-lhe o significativo nome de *Amanajára*, que quer dizer—*senhor da chuva* (6).

(Continúa.)

(5) Camões, *Lusiadas*, Canto X, Est. 112.

(6) O padre José de Moraes, na sua *Hist. cit.*, Cap. XI, refere cumpridamente este facto, e outro passado nos sertões da Bahia.

Candido Mendes, nas suas *Memo-*

Duas palavras sobre a psychologia ethnographica.

Na epocha que atravessamos pode-se dizer que as sciencias naturaes invadindo o dominio do pensamento, apossaram-se como soberanas do campo das investigações philosophicas. As sciencias phisicas já tiveram o seu tempo—o tempo dos Huighens, dos Laplace, dos Newton; estamos agora na epocha das sciencias naturaes—a epocha dos Darwin, dos Ludwig, dos Hœckel etc.

Verdade é que tudo se tem deixado modificar pela influencia regeneradora dos estudos naturaes: a poesia, a philosophia, a religião, a litteratura. Já não estamos mais no tempo em que os poetas abandonavam a natureza e iam beber a inspiração do bello nas profundezas impenetraveis de um mundo desconhecido; e em que os philosophos em busca da verdade deixavam o terreno solido das manifestações phenomenaes e entregando-se aos vãos da imaginação, iam perder-se na immobilidade phantastica do supra-sensível. Hoje uma outra fonte inspira os poetas; um outro movel dirige as investigações do philosopho.

Uma das consequencias mais importantes d'estas novas tendencias intellectuaes foi a nova direcção que se deu aos estudos relativos ao homem. O homem, ao mesmo tempo que a falsa primazia que lhe davam em relação ao universo as velhas concepções metaphisicas, adquiriu por outro lado uma importancia excepcional como objecto das investigações da sciencia. Accumularam-se as difficuldades, porem em compensação appareceram novos methodos de observação. A historia tornou-se mais ampla e para o passado, como para o futuro, apresentou dous campos indefinidos a desatillarem as explorações e os esforços dos sabios. Começou-se a estudar o homem sob novos pontos de vista e fez-se d'elle o objecto exclusivo de um dos ramos mais importantes dos sciencias da natureza—a anthropologia.

Essa nova feição intellectual coincidiu na França com o apparecimento do positivismo e na Inglaterra com o desenvolvimento normal doutrinas experimentalistas. Ao mesmo tempo succedia na Alemanha a essa onda exuberante de idealismo que envolveu os discipulos immediatos de Kant, uma reacção poderosissima no sentido do materialismo. A essa estranha doutrina

rias para a Historia do Maranhão, Tom. 2.º, Introducção, pag. 14, nota 1.ª, diz que o padre Pinto manteve o mesmo nome nos sertões do Jaguaribe por actos identicos.

da *identidade absoluta* de Schelling e aos principios confusos da *phenomenologia do espirito* de Hegel, succederam a *circulação da vida* de Moleschott, os *Quadros da vida animal* de Vogt e a *Força e materia* de Buchner que é, conforme o parecer de Lange, nada mais, nada menos que uma habil transformação do *Homem-machina* de Lametrie. D'ahi a concurrencia de investigadores e a accumulção extraordinaria de explorações, dando lugar á creação de idéas fecundas e á applicação de hypotheses importantissimas.

Foi do meio desta exuberancia intellectual que nasceu a psychologia ethnographica. Herbart havia dicto que a psychologia ficará sempre incompleta emquanto só se considerar o homem como um individuo isolado. Depois ao lado da estatica e mechanica das idéas creou uma estatica e uma mechanica dos estados. Era o ponto de partida da psychologia ethnologica.

Tres escriptores se tornaram notaveis devendo ser considerados como os representantes legitimos da eschola: Waitz, Lazarus, Steinthal.

A idéa primordial que serve de base a toda a doutrina é esta:

«Em quaesquer condições que diferentes individuos formem um grupo social, constituindo uma sociedade, sae do *consensus* de todos os espiritos individuaes um espirito commum que torna-se ao mesmo a expressão, a lei e o órgão de todos»

D'ahi a distincção entre o espirito subjectivo e o espirito objectivo. Cada um dos individuos que constituem a sociedade tem o seu modo especial de sentir, pensar e obrar, por outra, tem a sua actividade psychica especial: e essa actividade de cada um combinada com a actividade dos outros, produz uma actividade commum que não pertencendo exclusivamente a nenhum d'elles, é entretanto a obra de todos. É facil portanto distinguir a actividade individual resultante dos elementos psychicos de cada individuo (espirito subjectivo) e a actividade collectiva que é o resultado da somma das actividades individuaes (espirito objectivo).

Vê-se claramente que essa doutrina é, rigorosamente fallando, uma extensão da theoria phrenologista do individuo para a sociedade. A phrenologia faz do individuo a somma das actividades distinctas cada uma das quaes tem a sua localisação determinada no cerebro. A psychologia ethnographica faz dos individuos, considerados psychologicamente, elementos constitutivos da sociedade, isto é, faz das actividades psychicas individuaes, partes componentes do espirito objectivo.

Estará semelhante doutrina de

accordo com os factos observados na natureza?

Verdade é que a sociedade, considerada em massa, possui certas maneiras de ser que não tem o individuo isoladamente. E' o que não se poderá contestar e por certo nunca se chegará ao conhecimento perfeito de uma sociedade unicamente pelo estudo individual de cada um de seus membros. Mas não se acha já no individuo a tendencia para a sociedade, e essa tendencia não tem o seu fundamento na organização individual?

Qual é, portanto, a necessidade que ha de fazer-se uma semelhante fusão dos diferentes espiritos individuais em um espirito colectivo distincto e até certo ponto estranho ao organismo do individuo?

E demais, qual é o laço que liga o espirito de um ao espirito de outro de maneira a ficar constituido o chamado *espirito-objectivo*.

A verdade é pois esta: existe nos diferentes individuos que compõem um corpo social um accordo espontaneo para a constituição da collectividade. Esse accordo é o resultado da propria organização do individuo que é em virtude de sua natureza impellido para a sociedade; e o resultado a que dá nascimento a sociedade são as idéas fundamentais que presidem ao desenvolvimento da vida, taes como: o direito, a moral, a religião etc. Fora d'isso não existe mais nada.

Não ha uma substancia que possa ser considerada como a somma das actividades individuais, pelo menos sob o ponto de vista psychologico. O que, pois, é obra da sociedade deve ser considerado não como substancia, mas unicamente como productos do espirito que só poderá encontrar uma explicação racional de sua natureza nas profundezas eternas da organização individual.

Comtudo a psychologia ethnographica propõe-se a exploração de um terreno fecundo e apresenta um vastissimo programma à curiosidade dos sabios.

R. FARIAS BRITO.

(Conclue no proximo n.º)

Intima

Hontem, si os olhos terna, com languor,
Vulvias para mim, nova alma vinha
Se derramar na minha
Cheia do teu amor.

E o teu olhar cahia sobre mim,
Tão puro, tão suave,
Como o trinar de uma ave,
O aroma de um jasmin.

E si o rumor da festa ia a augmentar,
Si voz estranha junto a nós se ouvia,
Eu muita vez tremia
Com medo de... acordar.

27—fevereiro—1884.

BRUNO JACY

Formosa

A FARIAS BRITO

Que és formosa, bem sei; e alguém já disse
Que o teu perfil causava mortaes zelos
A quem fora feliz se possui se
Uma madeixa só dos teus cabellos.

E uma mulher gabando-te a opulencia
Das formas, te chamou Venus de Milo,
E a nada comparou a transparencia
Do teu limpido olhar puro e tranquillo.

Outra me assegurou que nunca vira
Um tão mimoso pé, nem presumira
Uma tão linda e tão fidalga perna;

Porem a tantos dons celestes, doces
Eu antes preferia que tu fosses
Prudente, amavel, carinhosa e terna.

Fortaleza—25 de janeiro de 1887.

MARTINHO RODRIGUES.



Historia de uma gai-vota

(NO ALBUM DE UMA MOÇA)

Conheci, uma vez, uma menina ingleza de 5 annos, galantissima e loura, que não sabia ainda gorgear, trinar a linguagem cantante e musical de V. Exc., e que contava com graciosidade infinita e interessante dificuldade de expressão a um gruposinho encantador de crianças, a historia adoravel de uma gai-vota que possuira.

Era á beira-mar, 'numa bella tarde de Setembro.

A historia que pude recolher inteira na minha imaginação pela galanteria e ingenuidade, repassada de affeição e tristeza com que sahiu d'aquelles labios de bonéca, foi a seguinte:

--Eu tive uma gai-vota...
Era mansa, muito mansinha...
Já cantava e voava.... Depois... depois... *moriu!*...

Senhora!—foi o que succedeu á minha Musa.

VIRGILIO VARZEA.

O ar do vento, Ave-Maria

la a lua sumindo-se lívida, por traz de um cabeço onde abria-se o roçado. Por entre as palhas do milho,—um mar de cobraria esverdeada, com reflexos de armas brancas em mãos de combatentes revoltos,—fervilhava um sopro álgido que sahia roncando de sob a matta cavernosa das cercanias. Pelo meio da roça braçejavam uns gigantes magros, pretissimos, grandes arvores cuja fronde em tempo fôra reida pela queima das coivaras. Em um dos cantos, como rico em seu sobrado, estava eu na rede muito aereamente armada nos músculos de uma peroba. Via as arvores salientes como si fossem rochedos, e o cerrado bosque me fazia horror. Palavra que me arrependia d'aquella caçada. Porém, tinha uma fé extraordinaria no uniforme de couro tanado que modelava-me dos pés á cabeça, Me lembrava de que, si visse uma onça, era só enluvar na esquerda o chapeirão e metter-lhe pela bocca a dentro, emquanto com a dextra lhe furasse corajosamente o coração com uma facada. Eu via blocos muito escuros no meio da claridade morna que circulava no organismo da propria noite.

Verberações de estrellas abrindo os olhos de féra. Me achava meio nada, meio ser. O horisonte não existia a taes horas sinão para as penetrações luminosas, nascimento ou sepultação de algum astro. Não havia perspectiva.

De repente ouvi quebrar matto e estremeci todo. Perguntei a mim mesmo: «Pois veado faz medo assim?»

Entretanto o ruido não procurava o roçado, como faria o cervo, para furtar milho; mas

entranhava-se para o meu lado.

Puz-me debruços, com a espingarda por baixo de mim e o dedo no gatilho. Os meus olhos apavorados farejavam a direcção da caça. Mas, diabo veado faz medo assim? No tronco encovado de uma imbauba, cessou o movimento; e em seguida vi perfeitamente um bicho que, espojando-se, rosnavava, grunhia, relinchava, berrava...

—Fogo! —gritei eu no meu silencio de horror.

Asneira! Estou em presença mas é de uma visagem!

Por fim o monstro arrancou 'numa correria furiosa pelo ventre da floresta, e então parecia arrastar milheiros de correntes, de latas, de caixões ôcos, e relinchava com o estridor annunciante de uma locomotiva.

—Burra sem cabeça! cochichei eu, todo encolhido, os cabellos em pé, as mãos entre as pernas apertando o cano da espingarda, o nariz com um arrocho, e os olhos porejando lagrimas de morte.

Entretanto vi que o bicho tinha deixado uma coisa no chão. O que será? Elle já vae longe, já se não percebe mais a barulheira; desçamos. Desembainhei a faca, prendi-a no dente, e gatinhei pela arvore a baixo. Ah! nesse momento eu sentia todas as delicias do pavor! Entretanto o laço irresistivel da curiosidade me chamava para o pé da imbauba. Então eu me sentia gigante, conquistador, bandido, valente, capaz de brigar com a floresta inteira, quanto com uma burra de padre.

O que o bicho deixára no tronco da imbauba, era justamente uma cabeça de mulher, com o rosto enterrado. Suspendi-a pelos cabellos e ella

fez umas caretas horrorosas!.. Larguei-a de repente no chão, como quem solta uma braza, e corri. Por acaso voltei o rosto e vi que a face d'aquella cabeça hedionda tinha ficado para cima. Estava eu, portanto, desgraçado; o bicho quando viesse, talvez por descuido engonçaria a cabeça assim invertida. E me seguirá a pista, porque elle ficará desesperado... visto que as visages devem tertambem as suas leis e os seus logros.

Felizmente alcancei a estrada. Como si a massa bipartida da selva fosse adiante de mim se desorganizando, eu ia distinguindo o que é proximo do que é longe. Me parecia ver uma arvore, como uma montanha, debruçado sobre o pallido fio da estrada, e quando eu me chegava eram muitas arvores separadas, porém na mesma trajectoria.

Havia nuvens baixas, que pareciam nebulosas, e outras escuras, modelando selvas suspensas. O volume absorvia á linha e á superficie. Os insectos vibravam por todos os cantos. Uns soltavam alaridos compassados, como pulsações de um coração. Outros um continuo som brilhante, vivo como estrellas. De quando em vez um sapo coava de lá uma voz grossa, notas de peito. E outro assobiava, como pelo canto da bocca. Tudo parecia exquisitamente embiocados na pilheria da escuridão. A mãe-da-lua solfejava as notas inauditas, sobrenaturaes, da sua eterna escala descendente.

* * *

Ao amanhecer, me achei deitado no curiá de uma fazenda, e perguntei ao primeiro passante que vinha da villa:

— A amasia do vigario teve alguma cousa, amigo?

—Um açulero dos diabos, seu moço! Dizem que ella amanheceu com a cabeça torta!

—Mas você viu-a? Isso é exacto?

—A freguesia está toda cheia.

E o vaqueiro da fazenda, que acabava de encilhar o seu cavallo de campo, foi montando e dizendo:

—O que a mulher tem é o ar do vento...

—Ave Maria —concluiu o outro se benzendo.

OLIVEIRA PAIVA.

A educação moral das creanças na escola

A educação moral é a parte mais importante da missão da escola, porque forma o character, purifica os costumes, desenvolve os bons impulsos do coração e tem sobre a educação physica e a intellectual uma incontestavel superioridade.

Quando a creança passa da familia para a escola, trocando os innocentes brinquedos do lar pelas lides do estudo, é mister que a pessoa que vae desempenhar junto a ella as funcções de preceptor guie com desvelo e sabedoria os seus primeiros passos atravez d'aquelle mundo que lhe é inteiramente desconhecido.

Até alli a tenra creaturinha so conheceu a doçura das caricias maternas; mas ao completar 7 annos e ás vezes mais cedo é arrancada á ledice de seus gentis folguedos e passa da tutela affectuoso de sua mãe para a do professor — uma entidade que ella não conhece e que por essa razão deve receiar e temer.

Desde que o primeiro sorriso desponta nos labios da creanca deve-se principiar a educal-a, disse-o um illustrado sacerdote, e é a mãe que cumpre encarregar-se da primeira educação do filho e infiltrar-lhe no coração o germen do bem e as notas principaes do character

Dizem que Scott recebeu a primeira inclinação para a poesia por escutar as canções de sua mãe, porque, na phrase do notavel moralista Smiles, a infancia é como um espelho que no decurso da vida reflecte as imagens que primeiro lhe foram apresentadas.

O professor é encarregado de continuar a desenvolver os ensaios de educação feitos pela creança no lar, e no desempenho de tal cargo terá muitas vezes que lutar contra pequenos defeitos nascidos da exagerada indulgencia de algumas mães, que deixam os filhos seguirem os impulsos da indole e os estouvamentos proprios da idade, sem reflectirem nos graves inconvenientes que d'ahi podem resultar.

Si não possuir em alto grão a paciencia e a constancia, o professor desanimará ante esses obstaculos; mas escudado por essas duas grandes virtudes que lhes devem ornamentar a alma e fortalecel-o nos momentos de desanimo, chegará a ter bom exito e conseguirá afastar do coração de seus pequenos discipulos os máos sentimentos que como plantas daminhas queriam ahi deitar raizes.

A epocha mais importante da vida, como disse Richter é a da infancia, quando a creança começa a modelar-se por aquelles com quem convive, por isso a influencia do primeiro professor excederá sempre a dos outros; portanto os paes devem ser cautelosos na escolha d'aquelle que tem de continuar logo depois delles na educação moral e intellectual de seus filhos e nunca entregal-os a uma pessoa destituida de virtudes e incapaz de dar-lhes bons e salutaes exemplos.

Hoje que a escola já não é o pesadello horroroso que assaltava o somno infantil, nem a prisão sombria onde se encerravam longas horas as louras creancinhas; hoje que a palmatoria e os castigos vis e estupidos foram abolidos como indignos da civilisação e do adiantamento da nossa sociedade, o menino considera o preceptor como um amigo a quem deve amar e venerar. E, pois, facilimo a este aproveitar-se da influencia de que goza entre aquelles que educa, para colher optimos e proficuos resultados na sua nobre missão.

A infancia é meiga, propensa a ternura, sincera nas afeições, avida de carinho. Habitada a ouvir desde o berço a voz melliflua que a embalava com ternas canções e a receber suavissimos beijos dessa providencia humana que se chama mãe e que a cerca de desvelos e cuidados por toda parte, deve continuar a ver no preceptor aquelle vulto sympathico a quem ella se inclinava espontaneamente e com quem se entretinha horas inteiras expandindo seus graciosos pensamentos e satisfazendo sua innocente curiosidade.

O professor deve empregar todos os meios para fazer-se amar pelas creanças. Assim tudo conseguirá dellas, porque ninguem resiste ao amor, nem ao encanto da amabilidade; e uma vez certo da afeição

de seus discipulos poderá aperfeiçoar-lhes os bons impulsos e tornar-lhes faceis os deveres da escola.

A religião e a moral—esses dous elementos indispensaveis para a formação do character podem ser infiltrados nos corações infantis da maneira mais simples.

Um passeio à beira-mar, uma manhã de estio, uma flor que desabrocha, uma avo que canta, uma abelha que fabrica o mel, uma borboleta que esvoaça podem trazer à creança a idéa do autor dessas cousas que tanto enlevam e arrebatam sua imaginação pueril, e o professor terá ensejo de auxiliá-lhe o espirito de observação, infundindo-lhe ao mesmo tempo o amor às sciencias naturaes.

Quanto à instrucção moral deve ser dada por meio de narrações singelas, historietas ao alcance das intelligencias infantis, exercicios oraes que deverão ser repetidos para ficarem bem impressos (no espirito das creanças, para as quaes o melhor compendio de moral é o exemplo.

Uma palavra, uma pergunta, qual quer incidente da vida escolar pôde fornecer ao professor variados temas para essas licções.

O amor dos paes, a união fraterna, o patriotismo, o respeito à velhice, a caridade, a benevolencia, o amor à verdade e os demais deveres do alumno para consigo e para com os outros ser-lhe-hão cada vez mais gratos desde que os comprehendem e se habituem a cumpril-os, avigorando os bons sentimentos pelo exemplo e conselhos que receber.

O professor deve esforçar-se sobretudo para acostumar seu discipulos a *fazerem o bem pelo bem* e sem o interesse de premios que, longe de serem um estimulo, trazem sempre como funestas consequencias a inveja, o orgulho e o resentimento.

O menino deve habituar-se a obedecer, a estudar, a ser affavel e condescendente com os seus condiscipulos, a enxugar as lagrimas alheias, a repartir o pão com o mendigo, porque são esses os seus deveres e achará na sancção da consciencia a melhor recompensa dos esforços que empregou para vencer a má indole, a preguiça, o egoismo etc.

Emfim, si o professor possuir qualidades moraes elevadas e si a vocação juntar uma instrucção completa e uma educação aprimorada, concorrerá honrosamente para a formação do character de seus alumnos e contribuirá para o desenvolvimento e progresso de sua patria realisando a phrase do grande Pestalozzi: «O futuro das nações está nas escolas.»

F. CLOTILDE B. LIMA.

DA CORTE

29 DE JANEIRO.

Os inimigos da arte são: A rotina, a convenção e o abuso. A rotina e a convenção, nos velhos; e o abuso nos novos. São estes inimigos que, em um paiz que não tem ainda feição artistica, perseguem-nos; personalizando-se, os dous primeiros na Academia de Bellas-Artes e em sua secção chamada Conservatorio de Musica, dous templos onde pelos impios são sacrificados os bellos talentos, as nobres aspirações do *savoir faire*, e do saber ouvir. No pacifico reinado do *protector das artes*, o Sr. D. Pedro II, estas morrem de consumpção, porque o rei desdenha as *novidades*, os *modernismos*, tendo o mau gosto de ver pelos olhos dos Srs. Pedro Americo, Victor Meirelles e Mafra, e pelos dos Srs. Ferreira Vianna e Taunay, do Conservatorio Dramatico.

Sómente dos novos é que podemos esperar, dos novos que não sujeitam-se aos bons conselhos dos respeitaveis *academicos*. Elles é que hão de atear a revolução, ora em começo, que tem por fim permittir que vejamos com os proprios olhos. Elles é que hão de reproduzir, de accordo com as impressões que recebemos e com as analyses a que procedemos, a nossa pujante e luxuriante natureza, os nossos mares verde-azues, o nosso céu, os nossos homens, a nossa musica e tudo.

Será debaixo deste ponto de vista que sempre direi alguma cousa sobre qualquer trabalho artistico ao meu alcance; considerando-me, comtudo, um dos fracos soldados da *phalange impressionista*.